



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ- UFPI
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS- CSHNB
CURSO DE LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA DE LÍNGUA
PORTUGUESA

MARIA CLARA RODRIGUES SILVA

ALEGORIA, SÁTIRA E IRONIA: OS ARTIFÍCIOS UTILIZADOS POR LIMA
BARRETO NA COMPOSIÇÃO DA OBRA *OS BRUZUNDANGAS*

Picos

2022

MARIA CLARA RODRIGUES SILVA

**ALEGORIA, SÁTIRA E IRONIA: OS ARTIFÍCIOS UTILIZADOS POR LIMA
BARRETO NA COMPOSIÇÃO DA OBRA *OS BRUZUNDANGAS***

Artigo apresentado a Disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II como requisito obrigatório para aprovação no Curso de Língua Portuguesa e Literatura de Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Piauí- UFPI, Campus Senador Helvídio Nunes de Barros- CSHNB.

Orientadora: Profa. Dra. Cristiane Feitosa Pinheiro

Picos

2022



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
 UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
 CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS
 COORDENAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS
 Rua Cícero Duarte Nº 905. Bairro Junco CEP 64600-000 - Picos- Piauí
 Fone: (89) 3422 2032

ATA DE DEFESA DE ARTIGO DE FINAL DE CURSO

Às 17h horas do dia seis de outubro do ano de dois mil e vinte e dois, na sala virtual do Google Meet, link <https://meet.google.com/jhp-btyv-obx>, do Curso de Letras, na Universidade Federal do Piauí, do *Campus* Senador Helvídio Nunes de Barros, cidade de Picos – PI, sob a presidência da Prof. Dra Cristiane Feitosa Pinheiro, reuniu-se a banca examinadora de defesa de monografia sob a forma de artigo, de autoria da aluna **MARIA CLARA RODRIGUES SILVA** do curso de Letras desta Universidade com o título, "*Alegoria, sátira e ironia: os artificios utilizados por Lima Barreto na composição da obra Os Bruzundangas*". A Banca Examinadora ficou assim constituída: Prof. Dr.ª Cristiane Feitosa Pinheiro (orientadora –presidente), Prof. Dr Welbert Feitosa Pinheiro (Examinador Interno - 1º examinador) e Prof.ª Esp. Roseangela Ferreira Belo (Examinadora Externa – 2º examinadora). Foram registradas as seguintes ocorrências: após a apresentação da aluna pela Presidente da banca, ocorreu a apresentação do artigo, seguido de questionamentos pelos membros da banca. Concluída a defesa, procedeu-se o julgamento pelos membros da banca examinadora, em reunião fechada, na mesma sala virtual, sem a presença da avalianda e seus convidados. Apuradas as notas, verificou-se que a aluna foi aprovada com média geral 9,5. E para constar, eu, Cristiane Feitosa Pinheiro, lavrei a presente ata que, após lida e aprovada pelos membros da banca examinadora, será assinada por todos. Picos, 06 de outubro de 2022.

Assinatura dos membros da Banca Examinadora.

Cristiane Feitosa Pinheiro

Prof.ª Dra Cristiane Feitosa Pinheiro
 Presidente – Universidade Federal do Piauí

Welbert Feitosa Pinheiro

Prof. Dr Welbert Feitosa Pinheiro
 Examinador Interno – Universidade Federal do Piauí

Roseangela Ferreira Belo

Prof.ª Esp. Roseangela Ferreira Belo
 Examinadora Externa

ALEGORIA, SÁTIRA E IRONIA: OS ARTIFÍCIOS UTILIZADOS POR LIMA BARRETO NA COMPOSIÇÃO DA OBRA *OS BRUZUNDANGAS*¹

Maria Clara Rodrigues Silva²

Cristiane Feitosa Pinheiro³

RESUMO: Buscou-se analisar a crítica social presente na obra *Os Bruzundangas*, de Lima Barreto a partir dos recursos textuais utilizados pelo autor para fazer dessa obra uma alegoria do Brasil da Primeira República. Teve-se como objetivo geral analisar o funcionamento da esfera sociopolítica dentro das crônicas de Lima Barreto na obra *Os Bruzundangas*. Seus objetivos específicos foram identificar os principais recursos estilísticos presentes na obra *Os Bruzundangas* e verificar o modo de aplicação dos principais recursos estilísticos utilizados na obra e sua função textual no estabelecimento da crítica ao Brasil. Como problema de pesquisa, buscou-se responder à pergunta: quais artifícios foram usados por Lima Barreto para descrever o funcionamento de todo o esquema político do país fictício da Bruzundanga de maneira a criticar o regime político do Brasil? Foram apresentadas a ironia, a alegoria e a sátira como sendo os recursos utilizados pelo autor para fazer a comparação entre os dois países: real e ficcional. Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa qualitativa de ordem bibliográfica, em que se usou da crítica literária para embasar a análise. Com base nas 21 crônicas que compõem a obra, pode-se observar as características citadas pelo autor a respeito da sociedade civil e militar da Bruzundanga, como a política, as eleições, as riquezas, a nobreza e a constituição, constatando-se que tais características se faziam presentes também na sociedade brasileira no referido período, e para que o autor conseguisse realizar essa comparação, utilizou em seu texto, como gêneros discursivos, a sátira, a alegoria e a ironia. Adotou-se como aparato teórico os escritos de Bosi (2006), Candido (2000), Romão (2012), Florêncio (2020) e Ribeiro (2017).

PALAVRAS-CHAVE: Os Bruzundangas; Primeira República; Alegoria; Crítica Social.

1 INTRODUÇÃO

Durante os anos de 1902 a 1921, ocorreu o Pré-Modernismo, que veio como uma fase de transição entre as estéticas anteriores e o Modernismo, que viria a ser difundido somente em 1922, a partir da Semana de Arte Moderna.

O idealismo romântico, que antes era predominante na literatura, foi substituído por um nacionalismo crítico, assim, as obras feitas durante o Pré-Modernismo passaram a ser repletas de críticas e denúncias sociais, políticas e econômicas.

¹ Artigo Apresentado à Disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II, UFPI (CSHNB).

² Graduanda em Letras – Língua Portuguesa e Literatura de Língua Portuguesa, UFPI (CSHNB).

³ Doutora e Mestre em Educação (UFPI) e Professora do Curso de Letras, UFPI (CSHNB).

O Brasil passava por o período da instalação da Primeira República, que gerou mudanças no cenário do país. A reestruturação do espaço urbano, a desigualdade econômica, o preconceito racial e a corrupção política foram alguns dos problemas que afetaram a sociedade, e que serviram de inspiração para produção de obras repletas de denúncias, feitas pelos autores daquela época.

A presente pesquisa realizou um estudo a respeito dos fatores sociais e políticos que se apresentam dentro da obra pré-modernista *Os Bruzundangas*, de Lima Barreto. Essa obra, que é composta por 21 crônicas que retratam, de forma satírica o Brasil durante o período da Primeira República, denuncia diversas falhas em toda a estrutura social do país e foi a partir das denúncias de Lima Barreto que a pesquisa se desenvolveu.

Trata-se de uma pesquisa relevante pois buscou explicitar a crítica feita por Lima Barreto dentro da sua obra, expondo os diversos problemas presentes na sociedade brasileira, durante a República Velha, fazendo assim com que os leitores conheçam mais a fundo a estrutura social do referido período através da obra ainda pouco explorada de um renomado escritor brasileiro.

Elegeram-se como objetivo geral analisar o funcionamento da esfera sociopolítica dentro das crônicas de Lima Barreto na obra *Os Bruzundangas*. Seus objetivos específicos são identificar os principais recursos estilísticos presentes na obra *Os Bruzundangas* e analisar o modo de aplicação dos principais recursos estilísticos utilizados na obra e sua função textual no estabelecimento da crítica ao Brasil.

A partir daí, buscou-se responder ao seguinte questionamento: Quais artifícios foram usados por Lima Barreto para descrever o funcionamento de todo o esquema político do país fictício da Bruzundanga de maneira a criticar o regime político do Brasil?

Para responder ao problema de pesquisa e alcançar os objetivos, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, pois foi utilizada a crítica literária para dar embasamento para interpretação e análise crítica da obra estudada, além das obras bibliográficas que foram selecionadas para fundamentar a pesquisa. Também possui uma abordagem qualitativa, pois buscou explicar a relação entre o que é real e o que é fictício dentro de uma obra literária.

O embasamento teórico foi feito a partir dos estudos de Bosi (2006), Candido (2000), Romão (2012), Ribeiro (2017), Florêncio (2020) dentre outros autores.

2 DESBRAVANDO O FAROL TEÓRICO

Para realizar o estudo a respeito da obra *Os Bruzundangas, corpus* desta pesquisa, fez-se necessário explicar o período literário do qual a obra faz parte, o Pré-Modernismo, pois se trata de uma obra que caracteriza de forma marcante esta estética. Além disso, nesse tópico abordou-se também um pouco da biografia do escritor da obra, apresentando sua vida pessoal, sua carreira profissional e sua escrita.

Em seguida, abordou-se o estado da arte, com as considerações a respeito das produções feitas acerca de *Os Bruzundangas*. E, por fim, uma análise a respeito do conceito de sátira, que é o principal recurso linguístico utilizado por Lima Barreto em na obra, além dos conceitos de alegoria e ironia, que foram os artifícios responsáveis para fazer com que o texto contemplasse uma representação do Brasil, de maneira a ironizar e criticar seus principais aspectos sociais.

2.1 Afinal, o que foi o Pré-Modernismo?

Tratando-se da obra estudada nessa pesquisa, observa-se nela uma verdadeira representação do movimento artístico ao qual pertence- o Pré-Modernismo. Os escritos desse período da literatura foram marcados por características que o diferenciavam das escolas literárias anteriores, como a linguagem informal, o desejo de denunciar os problemas existentes na época e principalmente o objetivismo, contrapondo-se assim ao idealismo subjetivo que era retratado no passado. Conforme Reis (1999, p. 349),

Quando falamos de tendência objectiva, referimo-nos, pois, à capacidade que a narrativa literária possui para nos dar a conhecer, de forma não raro muito pormenorizada, algo que é objec-tivamente distinto do sujeito que relata; assim, em princípio, não é o narrador que constitui o centro de atenção da narrativa, mas sim a história -, em cuja representação ele procura investir uma atitude racional, mais do que emocional. Por isso mesmo, o romance foi o

gênero por excelência daqueles períodos literários - o Realismo, o Naturalismo e o Neo-Realismo - em que se tratava de dar a conhecer (é isso que etimologicamente significa narrar e narrador vem de gnarus, "sabedor") situações e conflitos sociais, por vezes até sob o signo de movimentos ideológicos de índole paracientífico.

Dessa forma, notam-se as mudanças que foram surgindo através da nova corrente literária, que trouxe consigo essa atitude racional, como é mencionado por Reis (1999), procurando apresentar ao leitor uma demonstração fiel da realidade.

O Pré-Modernismo brasileiro situa-se no contexto histórico da consolidação da República. A expectativa de um novo Brasil, mais justo e moderno, com o advento do novo regime político foi frustrada. No Regime Republicano, as desigualdades continuaram, a oligarquia se manteve no poder, a participação política ficou restrita às elites e os conflitos sociais se tornaram mais intensos e frequentes como a Guerra de Canudos (1896-1897), a Revolta da Vacina (1904), a Revolta da Chibata (1910), dentre outros.

A partir da Proclamação da República em 1889, as principais cidades do país iniciaram um processo de reestruturação do espaço urbano, que tinha como objetivo eliminar as marcas da arquitetura portuguesa. Com essa intervenção no espaço urbano, houve o deslocamento de pessoas pobres, que residiam em cortiços, para regiões periféricas, fazendo com que surgissem as favelas.

Além disso, com a Abolição da Escravatura (1888), os escravos recém libertados foram deixados sem nenhum auxílio, ficando desamparados pelo governo e conseqüentemente vivendo em condições sub-humanas. Em oposição a toda essa miséria, o estado de São Paulo enriquecia com a cultura do café, aumentando ainda mais a desigualdade social do país.

O surgimento do Pré- Modernismo se deu em um momento de mudanças políticas e sociais do Brasil. A Proclamação da República, no ano de 1889; a instalação de um novo regime político; reorganização urbana; o aparecimento de favelas dentre outros fatores levaram esse período a ser marcado por uma literatura crítica.

Por ser um período de transição, o Pré-Modernismo foi marcado por traços de estéticas anteriores (Realismo, Naturalismo, Simbolismo e Parnasianismo). “O grosso da

literatura anterior à ‘Semana’ foi, como é sabido, pouco inovador. As obras, pontilhadas pela crítica do ‘neos’ - neoparnasianas, neosimbolistas, neo-românticas- traíam o marcar passo da cultura brasileira em pleno século da Revolução Industrial”. Afirma BOSI (2006, p.306).

Porém, os artistas da época fizeram sobressair a característica mais marcante desse período literário: a abordagem sobre a realidade brasileira em seus aspectos sociais, políticos e econômicos.

Ao definir o Pré-Modernismo como: “Creio que se pode chamar pré-modernista (no sentido forte de premonição dos temas vivos em 22) tudo o que, nas primeiras décadas do século, problematiza a nossa realidade social e cultural.”, BOSI (2006, p. 306) afirma o interesse do Pré-Modernismo de relatar, e principalmente, denunciar problemas existentes na estrutura social, durante o período da República Velha.

2.2 Lima Barreto – Triste visionário

Nascido em 13 de maio de 1881, no Rio de Janeiro, Afonso Henriques de Lima Barreto era filho do tipógrafo João Henriques de Lima Barreto e da professora Amália Augusta Pereira de Carvalho, ambos descendentes de escravos.

Aos sete anos, perdeu a mãe vítima de tuberculose e, anos mais tarde, seu pai ficou desempregado devido a uma série de alucinações e crises de pânico. Contudo, sob a proteção de seu padrinho, o Visconde de Ouro Preto, Lima Barreto pôde estudar no Colégio Pedro II e ingressar na Escola Politécnica, a qual abandonou em 1903.

Ainda em 1903, por meio de concurso público, trabalhou como funcionário da Secretaria da Guerra e tentou mais tarde também a carreira de jornalista, fundando assim, em 1907, a Revista Floreal que, apesar de ter sido fechada um ano depois de sua criação, deu visibilidade aos escritos de Lima Barreto. Na Floreal, além da crítica literária, que procurava expressar posição em face das novas estéticas surgidas em decorrência da agonia do Simbolismo, havia artigos de cunho político.

No ano de 1909, publicou a obra *Recordações do escrivão Isaías caminha*. Entre 1910 e 1911, publicou, na imprensa, aqueles que foram considerados seus melhores contos: *O homem que sabia javanês* e *A nova Califórnia*. Ainda em 1911, Lima Barreto deu início à publicação no *Jornal do Comércio*, em forma de folhetim, da obra *Triste fim de Policarpo Quaresma*.

Publicou também diversas outras obras entre os anos de 1912 e 1922, que foi o ano de sua morte. Dentre elas, estão *Numa e Ninfa* (1915), *Vida e morte do M. J. Gonzaga de Sá* (1919) e *Histórias e sonhos* (1920). Além dessas, escreveu também obras que somente foram publicadas postumamente, como *Os Bruzundangas* (1922), *Clara dos Anjos* (1948) e *Cemitério dos Vivos* (1956).

O escritor enfrentou problemas de saúde como alcoolismo e depressão e, em 1914, o autor foi internado pela primeira vez no Hospício Nacional. Lima Barreto faleceu em 1º de novembro de 1922, aos 41 anos de idade.

A infância conturbada, a morte prematura da mãe, os eventos relacionados à chegada da República e a perseguição sofrida pelo pai deixaram marcas profundas não só na personalidade de Lima Barreto, como também no conteúdo de sua obra.

Estimulado pela infância difícil, onde enfrentou a pobreza e preconceitos étnico-raciais, somando às crises políticas e sociais que o país enfrentava, Lima Barreto produziu obras, sobretudo, de cunho crítico, com uma aguçada sensibilidade aos temas sociais, proporcionadas por seu intelecto de leitor assíduo dos romances realistas e sua própria vivência em classes marginalizadas. Segundo Bosi (2006, p.317):

A biografia de Lima Barreto explica o hùmus ideológico da sua obra: a origem humilde, a cor, a vida penosa de jornalista pobre e de pobre amanuense, aliadas à viva consciência da própria situação social, motivaram aquele seu socialismo maximalista, tão emotivo nas raízes quanto penetrante nas análises.

E esse espírito crítico de Lima Barreto não se apresenta somente no campo ideológico, mas também no campo estilístico, onde utilizava-se de cenas do cotidiano, rotineiras e também de uma linguagem simples e realista em suas produções. De acordo com Montenegro (1953, p.146):

Em Lima Barreto foi como se o sentimento constantemente amargo da vida, a crua e penetrante consciência de vítima que tanto o torturava, tirasse de vez em quando ao escritor o que faz a força e a intensidade do escritor (sic) - a sua disponibilidade interior, indispensável a uma arte que se propõe representar as coisas em termos de uma realidade mais real ainda do que a própria vida.

O nacionalismo crítico de Lima Barreto está presente na maioria de suas obras, mas é mais evidenciada em *Os Bruzundangas*, pois nela, a partir de crônicas satíricas, Lima Barreto descreve aspectos sociais do Brasil, denunciando as falhas e trazendo à tona as mazelas existentes no país a partir do advento de um novo regime político.

2.3 Os Bruzundangas nas lentes da crítica

Os Bruzundangas carregam consigo um teor satírico muito forte, além de possuir em sua estrutura duas das mais importantes características do período literário pré-modernista, do qual é pertencente: criticismo e linguagem objetiva.

Este é um livro que expõe, em crítica e sátira feroz, a diplomacia, a Constituição, as corrupções, os políticos e eleições da sociedade bruzundanguense. Lima Barreto também critica os privilégios da nobreza, o poder das oligarquias rurais, a futilidade dos poderosos do ramo político, as desigualdades entre os mais prestigiados e as classes menos dominantes, saúde e educação tratadas com desdém; enfim, mazelas parecidas às de um país real.

Apesar do tom cômico que Lima Barreto deu a suas crônicas, *Os Bruzundangas* são uma obra que descreve de forma realista como se organizava a sociedade no período da República Velha. Conforme Bosi (2006, p.323),

Com *Os Bruzundangas* Lima Barreto fez obra satírica por excelência. Valendo-se do feliz expediente de Montesquieu nas cartas persas, imaginou um visitante estrangeiro a descrever a terra de Bruzundanga, nada mais nada menos que o Brasil do começo do século. Escrita nos últimos anos, a obra trai forte empenho ideológico e mostra o quanto Lima Barreto podia e sabia transcender as

próprias frustrações e se encaminhar para uma crítica objetiva das estruturas que definiam a sociedade brasileira do tempo.

Devido à mudança do regime político vigente a partir da Proclamação da República, houve diversas transformações dentro do cenário existente nos anos de 1889 a 1930. Nesse período ocorreu a implantação da Primeira República, e foi exatamente a partir das mudanças que aconteceram nesse período que Lima Barreto deu base para o enredo de *Os Bruzundangas*, assim pode se afirmar que “*Os Bruzundangas* é considerada uma alegoria da 1ª República brasileira por apresentar, descrever e satirizar tipos e costumes que muito se assemelhavam aos encontrados no Brasil daquele tempo.” ROMÃO (2012, p. 9).

Romão (2012) descreve a alegoria feita por Lima Barreto ao construir a história que apresenta toda a estrutura do país fictício dos Estados Unidos da Bruzundanga, utilizando como referência a sociedade brasileira da época. Neste trabalho, um dos mais completos já publicados a respeito dessa obra, a autora explica a vida do autor, o contexto histórico da Primeira República e apresenta, individualmente, cada um dos aspectos da sociedade bruzudanguense apresentados por Lima Barreto, nas 21 cônicas que compõem o livro.

Os Bruzundangas são uma obra carregada de informações relevantes a respeito da sociedade de um importante período de mudanças políticas pelas quais o Brasil passava, e essas informações sobre a estrutura social brasileira (política, economia, nobreza, religião, educação dentre outros), podem ser observadas ainda na sociedade brasileira dos dias de hoje.

“Ao se observar alguns aspectos socioculturais do Brasil contemporâneo, percebe-se uma perturbadora semelhança com o país fictício da obra de Lima Barreto de um século atrás”, afirma FLORÊNCIO (2020, p. 1). Assim, não é difícil perceber que a maior parte dos problemas da época da primeira República descritos por Lima Barreto, persistem até os dias atuais.

Florêncio faz toda a relação entre as mazelas presentes no período em que foi escrita a obra e a modernidade. Problemas como preconceito racial, desigualdade, exploração, e corrupção explicitados por Lima Barreto que se fazem presentes no Brasil

do século XXI, ainda que o Brasil tenha passado por grandes mudanças desde aquele tempo.

Além dos trabalhos de Florêncio e Romão, há também a pesquisa de Moura (2010), que apresenta relevância acerca dos estudos em torno da escrita de Lima Barreto. A autora apresenta um relato a respeito da literatura militante do autor Lima Barreto, analisando o contexto de produção da obra *Os Bruzundangas*, e da relevância desse contexto para elaboração de seu conceito de obra literária. Conforme Moura (2010, p. 8),

Em certa medida, cada escritor traz para suas obras as marcas de seu tempo, as influências das correntes de pensamento em voga em determinado período, pois cada um escreve de um determinado lugar sócio-histórico [...] Lima Barreto optou por mostrar claramente em sua produção literária os acontecimentos, os comportamentos e as relações sociais, e, sobretudo, as consequências desses acontecimentos sobre as classes menos favorecidas.

A autora reforça a importância de compreender primeiramente o contexto histórico, a política, a sociedade, os costumes e o desenvolvimento da sociedade no período em que foi escrito o livro, além de entender a vida do autor, para que, finalmente, chegue-se a um entendimento acerca da obra satírica *Os Bruzundangas*. Para ela, é normal que os autores deixem marcas de sua época, traços do período histórico no qual está inserido dentro de suas produções.

Porém, dificilmente encontram-se autores como Lima Barreto, que utilizou sua produção literária, mais especificamente *Os Bruzundangas*, para retratar de forma tão clara as dificuldades, discriminações e desigualdades vividas por pessoas que assim como ele, tinham origem humilde, viviam em periferias e em condições sub-humanas.

2.4 Desvendando conceitos

Nesta parte da pesquisa, buscou-se realizar uma análise a respeito dos três principais recursos estilísticos utilizados por Lima Barreto na produção de *Os Bruzundangas*, a saber, a sátira, a alegoria e a ironia. Recursos que são responsáveis por

fazer do texto uma clara representação da sociedade brasileira existente no período da República Velha.

2.4.1 Sátira

A obra *Os Bruzundangas* pode ser descrita de forma geral como uma alegoria ao Brasil da República Velha. Nela, há a presença de diversos artifícios usados para descrever o país fictício da Bruzundanga, como a hipérbole, a comicidade, a caricatura de um país inexistente e há, principalmente, o uso da sátira.

A sátira é um recurso/estilo literário usado para uma composição irônica e sarcástica a respeito de costumes, tradições, ideias e instituições de uma época. É basicamente uma forma de agredir por meios estéticos, pois “é o trabalho sobre a linguagem que torna a agressão socialmente aceitável, o que significa que a definição da sátira e, concomitantemente, a construção da legitimidade da violência inerente ao gesto satírico são indissociáveis da dimensão estética, da especificidade da composição textual.”, conforme pontua RIBEIRO (2017, p. 9).

Esse recurso linguístico pode ser apresentado em vários tipos de textos – escritos e falados- e, sua forma de expressão irá ser alterada/adequada de acordo com a intenção do locutor, dessa forma, “a expressão satírica acomoda-se a diversos meios de expressão, de acordo com os seus também diversos interesses.” ROCHA (2006, p. 13).

Dentro da sátira há também uma característica que a torna mais distinta ainda entre os outros recursos linguísticos, esta possui um interesse que vai além da escrita. De acordo com o exposto por Rocha (2006), “poderíamos transcrever, ainda, outras muitas reflexões que observam que a sátira é um tipo de discurso emprenhado (engajado), no sentido de que revela um interesse extra-literário”. ROCHA (2006, p. 13).

Assim, depreende-se a respeito do discurso satírico que este busca não só descrever os costumes/ideais de uma sociedade, mas busca reformar, moralizar e corrigir aspectos dela. Esse discurso estabelece alguma premissa do que seja “ideal”, e a partir dela, delimita tudo aquilo que é condenável, imoral ou antiético.

É a partir da sátira que o autor consegue fazer sua crítica/ denúncia oculta, de forma cômica e sarcástica sob a máscara do divertimento dentro da sua composição textual. É por meio desse recurso que Lima Barreto constrói todas as suas 21 crônicas que irão narrar a história de um viajante que visita o país fictício da Bruzundanga e vai contando um pouco sobre cada um dos tópicos que compõem a estrutura social daquele país, sempre de maneira a ironizar as mazelas que a população mais pobre encontrava para viver em sociedade.

A exemplo disso está a ironia presente na crônica que aborda as eleições buzundanguenses, onde se tem como pré-requisito para candidatar-se não ser alfabetizado, fazendo referência à falta de competência dos políticos que assumem os principais cargos do país, ou também no capítulo que trata da educação na qual só tinha acesso aos melhores cursos os filhos de pais com maior poder aquisitivo, mesmo que estes não possuíssem qualificação, referindo-se à desigualdade entre os estudantes de classes sociais diferentes, e assim se dá toda a construção do texto. Segundo Bosi (2006, p.324):

A obra é de amplo espectro. Lá se encontra, por exemplo, a sátira dos costumes literários da *belle époque* [...] mas há críticas mais fundas. O escritor percebeu a tempo a fragilidade da economia do país posta sobre a exportação de um só produto que se valorizava à custa dos demais e da indústria. Lima Barreto voltava-se para as ressonâncias desse estado de coisas na conduta das várias classes.

Dessa forma, o autor explicitava a vaidade, a corrupção, o culto ao “doutor” e os privilégios concebidos à nobreza, a mediocridade dos intelectuais, a futilidade da classe rica, a desigualdade e todas as crises da República Velha. Rocha (2006, p.3) afirma que:

Se a sátira requer uma consciência alerta que seja capaz de observar as incongruências do homem e da sociedade e se parte do pressuposto de que a exposição de tais incongruências pode acarretar a correção dos vícios e desvios, produzindo uma melhoria do caráter humano, bem como das instituições sociais, é possível afirmar que ela se vincula ao que é intimamente humano, uma vez que expressa a insatisfação e a esperança.

Assim, é possível entender que a sátira está ligada à ideia de utopia, já que ao criticar um determinado comportamento, entende-se que por consequência deva existir um modelo ideal, correto, que foi usado como referência para fazer a comparação. A partir disso, compreende-se um pouco sobre o porquê da escrita tão carregada de crítica na obra de Lima Barreto, que mesmo através de sarcasmos e crônicas cômicas buscou explicitar e denunciar os problemas existentes no país em que vivia.

2.4.2 Alegoria

De modo geral, a alegoria pode ser descrita como uma figura retórica que consiste na representação de uma realidade abstrata através de uma realidade concreta, por meio de analogias, metáforas, imagens e comparações.

Ao analisar a obra *Os Bruzundangas* em uma perspectiva geral, depreende-se de que essa se trata de uma alegoria, devido ao fato de ser um texto que possui como objetivo realizar uma abordagem a respeito das instituições civis e militares de um país fictício, buscando com isso, apresentar aos leitores traços pertencentes a um país real – o Brasil. Conforme Owens (2004, p.114),

Concebida dessa maneira, a alegoria torna-se o modelo de todo comentário, de toda crítica, na medida em que estão envolvidos em reescrever um texto primário em termos de sua significação figural. [...]O imaginário alegórico é um imaginário apropriado; o alegorista não inventa imagens, mas as confisca. Ele reivindica o significado culturalmente, coloca-a como sua intérprete. E em suas mãos a imagem toma-se uma outra coisa.

Assim se dá a alegoria, ela se utiliza de algo já existente e modifica tal coisa para que esta seja modificada conforme a vontade e pensamentos de quem a faz, adicionando um novo significado ao significado original. Assim, afirma Owens (2004, p. 114),

Ela não restaura um significado original que possa ter sido perdido ou obscurecido. Mais do que isso, ela anexa outro significado à imagem. Ao anexar, no entanto, faz somente uma recolocação: o significado alegórico

suplanta seu antecedente; ele é um suplemento. É por isso que a alegoria é condenada, mas é também a fonte de sua significação teórica.

A alegoria não se limita a uma figura literária solitária. Muitas das vezes, compõe um procedimento retórico de maior dimensão, com um sistema de imagens metafóricas que pode dar lugar a obras inteiras. Posto isto, a alegoria permite transmitir conhecimentos através de raciocínios por analogia. Em definição, “a alegoria é designada como uma representação secundária no conteúdo e na forma, gerando um modo deformado de correspondência entre o mundo objetivo e a arte.” PEREIRA (2013, p. 279).

Diante das informações expostas a respeito do gênero discursivo da alegoria nota-se que por ter seu objetivo em adicionar uma nova ideia a uma ideia já existente, de buscar moldar um texto, uma ideia ou uma pessoa ao modo como se deseja, *Os Bruzundangas* se encaixa perfeitamente dentro deste conceito, pois o autor dessa obra teve como objetivo exatamente isso: descrever as vivências, sofrimentos e os pilares institucionais que compunham a sociedade bruzundanguense, tomando como espelho para isso as características da sociedade brasileira.

2.4.3 Ironia

Dentre os artifícios textuais que foram utilizados por Lima Barreto está a ironia, que é o uso de palavra ou expressão em sentido oposto àquele que se deveria utilizar para dizer algo. “Tradicionalmente define-se a ironia como a figura de retórica em que se diz o contrário do que se diz, o que implica no reconhecimento da potencialidade de mentira implícita na linguagem.” DUARTE (1994, p. 55).

Ao utilizar o recurso da ironia, mostra-se que, em geral, o enunciador utiliza-o como alternativa para dizer algo ou criticar determinada pessoa/situação de modo que torne a crítica algo cômico, tornando assim esse enunciado algo mais leve, que em condições normais, sem o uso do gênero discursivo em questão causaria incomodo ou desconforto ao receptor. De acordo com Machado (2014, p. 117),

O sujeito-irônico prefere - por uma razão ou outra - enunciar algo por meio de uma *não-verdade* que o protegerá, sem dúvida, das sanções que um enunciado muito agressivo ou direto poderia provocar. Quando inserida na comunicação,

a ironia faz parte de um jogo lúdico, jogo de gato e rato - por vezes cruel - entre os sujeitos da comunicação. A partir desse raciocínio acreditamos poder incluí-la no vasto mundo da argumentação.

Para compreender a ironia dentro de textos, tanto orais como escritos, verbais ou não verbais, é necessário que se tenha conhecimento a respeito de todo o contexto que envolve aquele discurso. Assim, afirma Esteves (1997, p. 30),

[...] que a ironia se apresentou mediante esse passe de magia que é o de exprimir a negação, pelo contraste contextual do que afirma. O contexto é determinante, visto que ela introduz um jogo permanente entre o sentido e o não-sentido raiando, aflorando, em função disso, o absurdo e até a contradição oximorizante. Esta dimensão contextualista, presente na linguagem, cria e amplia os sentidos e os significados, problematiza e argumenta, numa direcção sempre precária e, inevitavelmente, interpretativa.

Tratando-se do texto de *Os Bruzundangas*, a compreensão desse contexto se torna ainda mais fundamental. Para que se possa entender as ironias e o discurso parodístico de Lima Barreto, deve-se primeiramente compreender o contexto histórico pelo qual o Brasil passava na época em que foi escrita a obra, já que o texto busca fazer uma alusão ao período em que o Brasil passava por uma grande transformação política, onde foi realizada a mudança do regime da Monarquia para o regime da República.

3 TRILHAS METODOLÓGICAS

Para se realizar uma pesquisa científica de qualquer gênero é necessário que antes de qualquer coisa seja determinada qual a metodologia que será utilizada para o desenvolvimento desta. Além disso, é importante que a pesquisa a ser realizada esteja ancorada em algum referencial teórico.

O trabalho aqui proposto procurou realizar um estudo a respeito da análise social que Lima Barreto fez através de sátiras na obra *Os Bruzundangas*, a partir da comparação entre um país fictício (Estados Unidos da Bruzundanga) e um país real (Brasil).

Dessa forma, foi utilizada uma abordagem qualitativa, já que ela busca explicar e compreender melhor a relação entre o que é fictício e o que é real dentro de uma obra literária, pois, “os métodos qualitativos são aqueles nos quais é importante a interpretação por parte do pesquisador com suas opiniões sobre o fenômeno em estudo.” PEREIRA *et al* (2018, p.67),

É de ordem bibliográfica, porque para que os objetivos da pesquisa sejam alcançados e se consiga explicar e compreender o objeto de estudo foram utilizados, além do estudo da obra propriamente dita, pesquisas de outros autores. Conforme Gil (2008, p.50),

A pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos [...] A principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente.

Na pesquisa, aplicou-se a crítica literária, que deu embasamento para interpretação e análise da obra a ser estudada. Inicialmente, foi realizada a leitura da obra *Os Bruzundangas*, onde se apontaram as principais características dos tópicos relacionados à política que estão presentes na obra.

Em seguida, fez-se uma revisão bibliográfica dos estudos que ancoraram a pesquisa, a saber, Bosi (2006), Romão (2012), Florêncio (2020), Ribeiro (2017), dentre outros e, por fim, realizou-se a análise dos dados, em que se buscou responder o problema de pesquisa e atingir os objetivos esperados.

4 REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DA BRUZUNDANGA: RECURSOS ESTILÍSTICOS PARA A CRIAÇÃO DO PAÍS FICTÍCIO

Os Bruzundangas são uma obra que buscam explicitar, através de crônicas, o funcionamento de um país fictício, e por meio disso, denunciar a estrutura social do Brasil durante o período da República Velha (1889-1930).

Dessa forma, nesta parte da pesquisa buscou-se apresentar as semelhanças entre o país da Bruzundanga, descrito na obra de Lima Barreto, e o Brasil durante o período que é referenciado na obra, mostrando quais e como foram utilizados os recursos linguísticos que fazem de *Os Bruzundangas* uma alegoria.

Para tanto, foram escolhidas como categorias de análise a sátira, a alegoria e a ironia, já que estes são os recursos que representam maior predominância na obra *Os Bruzundangas*,

Ao produzir a obra *Os Bruzundangas*, Lima Barreto buscou realizar uma análise do Brasil durante o período da Primeira República e, para fazer tal análise o autor decidiu narrar a história de um viajante que visita um país fictício, denominado República dos Estados Unidos da Bruzundanga.

Durante essa viagem imaginária, são narrados os aspectos que compõem as instituições civis e militares desse país. Dessa forma, Lima Barreto conseguiu realizar denúncias dos mais diversos problemas que afetavam aquela sociedade.

Para realizar tal denúncia e conseguir criticar as misérias presentes no Brasil, que deixou de ser Monarquia e passou a ser República, o autor utilizou recursos estilísticos como a sátira, a alegoria e a ironia, produzindo, assim, uma obra cômica, divertida e ao mesmo tempo possuidora de um forte cunho crítico.

4.1 Uma sátira da Primeira República

Em *Os Bruzundangas* nota-se a forte presença da sátira. Esse é o principal artifício utilizado pelo autor, possuindo entre todos os outros recursos estilísticos, mais forte presença na obra.

A sátira é um gênero da literatura que tem a finalidade de ridicularizar alguém ou alguma situação, podendo se fazer presente nas mais diversas formas de expressão artística, como no desenho, no teatro, no cinema e principalmente na literatura.

Nesta obra, Lima Barreto buscou realizar uma crítica ao país em que vivia, encontrando na sátira o recurso ideal para fazer a crítica de modo a ridicularizar o nepotismo, a desigualdade social, o preconceito e a pobreza existentes no Brasil durante o período em que foi instaurado o novo modelo de governo no país – a República.

Este recurso discursivo quase sempre recorre à paródia e ao sarcasmo para conseguir expressar seu repúdio àquilo que busca ridicularizar. “Frequentemente o texto

satírico utiliza-se da paródia, pois esta possibilita a inserção da tradição (literária ou do discurso histórico) na narrativa, devidamente distanciada de um aspecto de conclusão ou fechamento.”, afirma FREIRE (2004, p. 191).

No caso da obra de Lima Barreto aqui discutida, não foi diferente, pois é notável a presença da paródia dentro da sátira de *Os Bruzundangas*. Sendo a paródia “tradicionalmente definida como uma imitação cômica que ridiculariza o seu modelo” BARONE (2020, p. 13). Entende-se que esta, juntamente com a sátira, utiliza-se do Brasil como modelo para a criação do país ficcional da Bruzundanga e, assim, consegue descrever o modelo de sociedade ali existente.

A sátira está ligada ao momento presente, em sua crítica contra pessoas e situações determinadas, ou seja, “ela é social e visa ridicularizar os vícios e loucuras dos homens, e proporciona a oportunidade do ataque dirigido à desordem estabelecida.” BOSI (1977, p. 141).

Posto isso, é possível afirmar o objetivo crítico que a sátira possui, além disso, é de interesse de qualquer interlocutor que ao fazer uso desse recurso estilístico dentro do seu discurso levar a sua opinião, o seu ponto de vista e sua ideologia a todos seus receptores. “A verdadeira missão de um satirista é levar o público a identificar-se e com ele e com o seu modo de ver o mundo, assumindo-se como um guardião de ideais, consciente de desempenhar uma tarefa que é válida universalmente, quer do ponto de vista social, quer do ponto de vista moral.” POLLARD (1970, p. 2).

A partir da definição apresentada por Pollard (1970) consegue-se compreender de forma ainda mais clara a intenção de Lima Barreto ao produzir uma obra de cunho satírico. A partir dela, o autor buscou, de maneira cômica, apresentar uma sociedade e suas mazelas em um determinado período da história, denunciando as fraquezas presentes na estrutura social brasileira.

A seguir, estão apresentadas as análises de alguns dos principais pilares que constituem a sociedade bruzundanguense, relacionando as semelhanças entre a sociedade real e literária, tornando assim evidente a sátira do Brasil em *Os Bruzundangas*.

4.1.1 A Crítica social

É comum ao escrever um livro que os autores, intencionalmente ou não, deixem transparecer dentro dele traços e características a respeito de, pelo menos, uma característica que está presente dentro da sociedade na qual o autor está inserido. Conforme Candido (2000, p.22),

Quando estamos no terreno da crítica literária somos levados a analisar a intimidade das obras, e o que interessa é averiguar que fatores atuam na organização interna [...] tomando o fator social procuraremos determinar se ele fornece apenas matéria (ambiente, costumes, traços grupais, ideias) ou se, além disso, é elemento que atua na constituição do que há de essencial na obra enquanto obra de arte.

Como afirma Candido (2000), ao analisar determinada obra é necessário averiguar se o fator social fornece somente matéria ou se este é apresentado dentro da obra como um elemento essencial, ou seja, se faz parte dela como característica primordial. Em ambos os casos, “o fator social é invocado para explicar a estrutura da obra e o seu teor de ideias, fornecendo elementos para determinar a sua validade e o seu efeito sobre nós.” conforme aponta CANDIDO (2000, p. 14).

Tomar esse fator social para interpretar as obras é necessário na análise de qualquer escrita da literatura, porém tal fator se torna ainda mais importante quando se trata do estudo de *Os Bruzundangas*.

Ao longo da obra, Lima Barreto faz um apontamento a respeito da política, das eleições, da nobreza, das forças armadas, das riquezas e de mais uma gama de fatores que caracterizam a sociedade bruzundanguense. E, durante essa descrição, encontram-se diversos pontos comuns à sociedade brasileira naquele período. Barreto (2013, p. 37):

Um leitor curioso e simpático, por ser curioso, escreveu-me uma amável cartinha, pedindo-me esclarecimentos sobre os usos, os costumes, as instituições civis sociais e políticas da República dos Estados Unidos da Bruzundanga Diz-me ele que procurou informações de tal país em compêndios de geografia, em dicionários da mesma disciplina e várias obras, nada encontrando a respeito.

A corrupção dentro da política, a desigualdade de classes, a futilidade da nobreza e a discriminação racial são algumas das convergências entre o Brasil e o país fictício. Dessa forma, o autor conseguiu realizar uma forte crítica ao país real através de uma obra satírica divertida e carregada de ironias.

4.1.2 A Política na Bruzundanga

Na crônica de número IV, o autor aborda a política e os políticos do país da Bruzundanga, onde são apontadas as principais misérias sofridas pela maior parte da sociedade bruzundanguense, em contraste com os luxos excessivos da nobreza do país. Barreto (2013, p. 47),

O país, no dizer de todos, é rico, tem todos os minerais, todos os vegetais úteis, todas as condições de riqueza, mas vive na miséria. [...] As cidades vivem cheias de carruagens; as mulheres se arriam de jóias e vestidos caros; os cavalheiros chics se mostram, nas ruas, com bengalas e trajos apurados; os banquetes e as recepções se sucedem.

Em seguida, o viajante busca narrar como se desenvolve a gestão dos governantes. Nessa parte, é descrita a falta de responsabilidade dos políticos que assumem os governos, além da desorganização e corrupção por parte destes, principalmente na gestão financeira. Esses políticos utilizam todos os recursos do país para benefícios próprios, gastando o dinheiro público para promover festas, bailes e banquetes para as classes mais ricas, e não utilizando tais recursos para desenvolvimento do país como um todo.

Além disso, há a preocupação dessa classe em reunir todos os esforços e investir suas riquezas para que seus familiares e amigos próximos sejam seus sucessores e consigam os melhores cargos, fazendo assim com que as mesmas famílias se perpetuem no poder, tornando praticamente inacessível para o restante da população a posse desses cargos. Barreto (2013, p. 22),

Eles tratam, no poder, não de atender as necessidades da população, não de lhes resolver os problemas vitais, mas de enriquecerem e firmarem a situação

dos seus descendentes e colaterais. Não há lá homem influente que não tenha, pelo menos, trinta parentes ocupando cargos do Estado; não há lá político influente que não se julgue com direito a deixar para os seus filhos, netos, sobrinhos, primos, gordas pensões pagas pelo Tesouro da República.

Em consequência desse funcionamento do sistema político em vigência na Bruzundanga, a população acaba por ficar desassistida, desamparada e vivendo em uma condição miserável, sem receber nenhum meio que os possibilite uma melhora na qualidade de vida “O verdadeiro fim da política era fazer os povos felizes; o verdadeiro fim da política dos políticos da Bruzundanga é fazer os povos infelizes”, cita BARRETO (2013, p. 48)

4.1.3 As Eleições na Bruzundanga

Na décima quarta crônica, Lima Barreto faz a descrição de como acontecem as eleições no país fictício da Bruzundanga, expondo a corrupção que existia nas eleições e as falhas presentes no sistema eleitoral do país. “A superstição eleitoral é uma das nossas cousas modernas que mais há de fazer rir os nossos futuros bisnetos.”, pontua BARRETO (2013, p. 94).

No período das eleições, diz o autor, era comum encontrar os candidatos rodeados dos mais perigosos assassinos da cidade, que eram utilizados para ameaçar os eleitores. Havia também o fato de que os candidatos chegavam às eleições sem apresentar nenhuma proposta governamental e uma grande parte dos votos eram dados a candidatos que eram amigos ou familiares.

Tratando-se dos mesários e das pessoas responsáveis pela contagem dos votos, o sistema não era diferente. Essas pessoas realizavam a contagem de acordo com suas vontades, ignorando a vontade da população e ferindo a integridade do que em tese, seria uma eleição democrática. Barreto (2013, p. 94):

Julgavam os chefes e capatazes políticos que apurar os votos dos seus concidadãos era anarquizar a instituição e provocar um trabalho infernal na apuração porquanto cada qual votaria em um nome, visto que, em geral, os

eleitores têm a tendência de votar em conhecidos ou amigos. Cada cabeça, cada sentença; e, para obviar os inconvenientes de semelhante fato, os mesários da Bruzundanga lavravam as atas conforme entendiam e davam votações aos candidatos, conforme queriam.

Assim, ao observar a análise feita das crônicas produzidas por Lima Barreto, nota-se alguns dos principais fatores que caracterizam a política bruzudanguense, de forma a tornar-se possível assim, reconhecer alguns dos problemas que afetavam aquela sociedade.

4.1.4 A Nobreza da Bruzundanga

A nobreza existente na República dos Estados Unidos da Bruzundanga foi narrada no segundo capítulo da obra. De acordo com o visitante do país, lá existem dois tipos de nobreza: uma nobreza doutoral e uma nobreza de “palpite”.

A primeira é composta por as pessoas formadas em escolas de Medicina, Direito e Engenharia, e a partir da obtenção dos títulos conquistados através de alguma dessas três escolas, os “doutores” passam a ser considerados superiores ao restante da população e adquirem diversos privilégios dentro da sociedade. Conforme Barreto (2013, p.38),

Lá, o cidadão que se arma de um título em uma das escolas citadas, obtém privilégios especiais, alguns constantes das leis e outros consignados nos costumes. O povo mesmo aceita esse estado de cousas e tem um respeito religioso pela sua nobreza de doutores. Uma pessoa da plebe nunca dirá que essa espécie de brâmane tem carta, diploma; dirá: tem pergaminho. Entretanto, o tal pergaminho é de um medíocre papel de Holanda.

Somente conseguiam esses títulos pessoas ricas, ou, se não ricas, mas que possuíam algum tipo de influência, deixando, assim, as classes mais pobres sem nenhuma chance de conseguirem obter uma formação em tais cursos e, conseqüentemente, sem os prestígios que viriam a partir da formatura.

Para essa pequena parte da população, a vida em sociedade era repleta de privilégios não só nos costumes, mas também a Constituição do país possuía leis que

davam à aristocracia doutoral alguns desses privilégios e, quando estes não eram permitidos pela constituição, leis orgânicas eram criadas.

Os doutores não eram presos juntamente com o restante dos criminosos, tinham acesso a celas especiais, assumiam mais de um cargo público (mesmo que tal ato fosse proibido pela constituição) e conseguiam dar para seus familiares os melhores cargos do estado.

O segundo tipo de nobreza lá existente era a de “palpite”, tratada no terceiro capítulo do livro. Essa nobreza, ao contrário da outra citada, não possui base em nenhum documento ou lei que a viabilize: “A outra nobreza da Bruzundanga, porém, não tem base em cousa alguma; não é firmada em lei ou costume; não é documentada por qualquer espécie de papel, édito, código, carta, diploma, lei ou o que seja.” BARRETO (2013, p. 43).

Assim, não é necessário ter nenhuma formação, diploma ou feito nobre para que esse título seja conseguido. É um título que pessoas, por fazerem algo (nada nobre ou importante para a pátria), somente alguma viagem ao exterior ou algo do gênero, decidem mudar seus próprios nomes e se auto intitular em doutores, príncipes, duques, marqueses e afins. Segundo Barreto (2013, p. 44),

Com um destes que se improvisou príncipe assim de uma hora para outra, aconteceu uma anedota engraçada. Ele se chamava assim como Ferreira, ou cousa que o valha. Fez uma viagem à Europa e voltou príncipe não sei de quê. Foi visitar as terras dos pais e dos avós que estavam abandonadas e entregues a antigos servidores. O novel príncipe formalizou-se e disse: — Você não sabe, Heduardo, que eu sou príncipe?

Mostrada a forma como era originada a nobreza desse país, nota-se a intenção de Lima Barreto de descrevê-la, apontando, principalmente, a desigualdade social que existia entre as classes de pessoas, além de denunciar a forma como eram assumidos os cargos de grande importância no país, com pouco ou nenhum mérito, dependendo, na maior parte das vezes, somente de influência política ou financeira.

4.1.5 As Forças Armadas da Bruzundanga

Esta instituição bruzundanguense foi explicitada na décima crônica do livro. Ao abordar a respeito das forças armadas no país, o viajante afirma não haver, de fato, uma força armada na República da Bruzundanga, mas sim, “cento e setenta e cinco generais e oitenta e sete almirantes. Além disto, há quatro ou cinco milheiros de oficiais, tanto de terra como de mar, que se ocupam em fazer ofícios nas repartições.” BARRETO (2013, p. 76).

De acordo com o viajante, o Exército da Bruzundanga é simples, pequeno, e somente tem como função avaliar e realizar as mudanças e reformas que devem ser feitas no fardamento dos poucos e mesmos homens que a compõem.

Já a Marinha se porta de maneira diferente, esta age de maneira “estritamente militar”, tentando, apesar de seus navios que não funcionam e de suas armas que mais parecem brinquedos, apresentar-se aos estrangeiros de forma a passarem uma boa imagem do país, conforme destaca Barreto (2013, p.77),

As principais produções dos arsenais de guerra do país são brinquedos aperfeiçoados; e os da Marinha são muito estimados na nação pela perfeição das redes de pescaria que lhe saem dos estaleiros. Uma das curiosidades da Armada daquele país é a indolência tropical dos seus navios que, às vezes, por mero capricho, teimam em não andar. Enfim, a força armada da Bruzundanga é a cousa mais inocente deste mundo.

Diferentemente do Exército, a Marinha não busca uma mudança nos uniformes dos seus, mas sim, busca uma mudança em seus oficiais integrantes, dos quais grande parte possuem origem javanesa (negros), o que, para eles, seria motivo de vergonha.

A partir desse capítulo, começa-se a perceber a crítica que o autor da obra, Lima Barreto, faz à questão da discriminação e do preconceito racial sofrido pela população negra que vivia na sociedade brasileira durante aquele período. A população de javaneses é ainda citada em outros capítulos da obra, onde se torna ainda mais nítida a denúncia que Barreto busca apresentar na obra *Os Bruzundangas*.

4.1.6 As Riquezas da Bruzundanga

Abordada na quinta crônica de *Os Bruzundangas*, as riquezas do país são um dos mais interessantes capítulos da obra de Lima Barreto e é nele que são encontrados um dos pontos de maior congruência entre a República da Bruzundanga e a República do Brasil.

O narrador inicia comentando a respeito de como são vistas as riquezas do país, afirmando que todos os escritos que fazem referência à Bruzundanga, mostram que este é um país rico, repleto de riquezas, deixando assim qualquer leitor com a plena convicção de que esta se trata da terra mais nobre, fértil e rica do mundo. Assim afirma Barreto (2013, p. 52)

A Bruzundanga, diz um livro do grande sábio Volkate Ben Volkate, possui nas entranhas do seu solo todos os minerais da terra. Os seus acidentes naturais, as suas montanhas, os seus rios, os seus portos são também assim decantados. Os seus rios são os mais longos e profundos do mundo; os seus portos, os mais fáceis ao acesso de grandes navios e os mais abrigados, etc., etc.

Além de possuir em suas terras grande fertilidade, o que faziam com que fossem produzidos valiosos produtos, como o açúcar, o café, o carvão e a borracha, a Bruzundanga também era detentora de terras que davam ouro, diamantes, safiras, mármore, esmeraldas e as demais espécies de pedras preciosas existentes.

Porém, ao visitar o país, o viajante afirma que não se encontra motivo para que tamanho entusiasmo e orgulho sejam anunciados pelos escritores daquele país. O carvão que lá é produzido é todo vendido para outros países, o ouro que é motivo de tanto orgulho para os bruzundanguenses não é encontrado em nenhum lugar e assim são todas as outras riquezas de lá.

Os produtos que foram produzidos no país, como é o caso da borracha e do carvão, fontes de grande riqueza, devido à má administração e a corrupção dos governadores de lá, foram sendo extintos, assim afirma Barreto (2013, p. 54),

a árvore da borracha é nativa e abundante no país. Ela cresce em terras que, se não são alagadiças, são doentias e infestadas de febres e outras endemias. A extração do látex é uma verdadeira batalha em que são ceifadas inúmeras vidas. Os ingleses levaram sementes e plantaram a árvore da borracha nas suas colônias, em melhores condições que as espontâneas da Bruzundanga, enquanto isto, os estadistas da Bruzundanga taxavam a mais não poder o

produto [...] Durante anos, essa taxa fez a delícia da província dos Rios. Palácios foram construídos, teatros, hipódromos, etc. Veio, porém, a borracha dos ingleses e tudo foi por água abaixo, porque o preço de venda da Bruzundanga mal dava para pagar os impostos. A riqueza fez-se pobreza... A província deixou de pagar as dívidas e houve desembargadores dela a mendigar pelas ruas, por não receberem os vencimentos desde mais de dois anos.

O dinheiro gerado por essas matérias-primas foi gasto com a vida repleta de luxos excessivos que a nobreza levava e o restante do país continuou a viver em situação de miséria e subdesenvolvimento.

4.2 A alegoria barreteana

Foi a partir da configuração sociopolítica em que se encontrava o país no período da Primeira República que Lima Barreto deu enredo a sua história. *Os Bruzundangas* “[...] retrata, em traços panfletários, rápidos e grotescos, em tom nacionalista, xenófobo e ressentido, homens e costumes da 1ª República.” ROMÃO (2012, p. 4).

A realidade presente nesse período da História do Brasil assemelha-se de forma bastante fiel à realidade vivida pelos personagens da narrativa de Lima Barreto. Primeiramente pode ser citado como uma dessas semelhanças a questão das eleições, que no livro é tratada como algo que possui pouca ou nenhuma democracia, ao serem explicitadas as formas de corrupção e desvio de votos. Barreto (2013, p. 94),

Na Bruzundanga, como no Brasil, todos os representantes do povo, desde o vereador até ao presidente da república, eram eleitos por sufrágio universal, e, lá, como aqui, de há muito que os políticos práticos tinham conseguido quase totalmente eliminar do aparelho eleitoral este elemento perturbador — “o voto”.

Mesmo com a mudança de regime político, os mandatos dos candidatos, as eleições e o período de governo dos políticos do país ainda continuaram com pouca, ou nenhuma participação popular. “Essa ausência da participação popular gera uma ideia bastante comum, ainda nos dias atuais, de que a mudança se dará independente de nossa

participação, ou ainda, de que ela depende da atuação de alguns indivíduos da sociedade dotados de qualidades especiais.”, conforme ROMÃO (2012, p. 22).

Dentre as diversas comparações feitas por Lima Barreto, em *Os Bruzundangas*, para fazer a correlação entre o Brasil e o país fictício, também pode ser citada a centralização do poder nas mãos de pessoas que pertenciam à mesma família ou, se não, pelo menos à mesma classe.

Durante a Primeira República, houve um período chamado de República das Oligarquias, institucionalizada por Campos Salles, esta que permitia que as oligarquias cafeeiras se perpetuassem no poder. Barreto (2013, p. 54),

Eles, os oligarcas, nadam em ouro durante cinco anos, todo o país paga os juros e o povo fica mais escorchado de impostos e vexações fiscais. Passam-se os anos, o café não dá o bastante para o luxo dos doges, dogaresas e dogarinhos da baga rubra, e logo eles tratam de arranjar uma nova valorização. A manobra da “valorização” consiste em fazer que o governo compre o café por um preço que seja vantajoso aos interessados e o retenha em depósito; mas, acontece que os interessados são, em geral, governo ou parentes dele, de modo que os interessados fixam para eles mesmos o preço da venda, preço que lhes dê fartos lucros, sem se incomodar que “o café” venha a ser, senão a pobreza, ao menos a fonte da pobreza da Bruzundanga, com os tais empréstimos para as valorizações

Além dessas, semelhanças entre o modo como ocorria o ingresso às escolas somente por pessoas que detinham o poder, a falta de preparação e incompetência dos governantes e a falta de seriedade ao respeitar leis impostas pela Constituição eram alguns das características que podiam ser encontradas em ambos os países – real e ficcional.

Tratando-se da obra *Os Bruzundangas* como um todo, nota-se que esta se trata de uma alegoria ao Brasil na época em que foi proclamada a República. “A alegoria é uma peça-chave de uma história política da escrita”, conforma pontua BOLLE (1986, p. 22). Como afirma o conceito, tem-se a alegoria como uma ferramenta linguística, ou figura de linguagem, utilizada para fazer uso conotativo das palavras, dando assim, a elas, um novo sentido. “A alegoria não designa a compreensão imediata e plena de sentido, ela transporta o significado para a instância intelectual que deve interpretar o seu sentido, correspondendo a um ato de releitura e interpretação. [...] A visão alegórica adapta-se ao cenário de fragmentos e ruínas.”, como afirma DAMIÃO (2013, p. 8).

A partir dessa figura de linguagem Lima Barreto mostra a realidade presente em um país (Brasil) através de uma história contada pela imaginação de um viajante durante uma visita a um país fictício, como afirma Romão (2012, p. 31),

Lima Barreto apresenta uma série de caricaturas de um país inexistente, alegoria do Brasil, representando numerosas províncias: a província dos Bois, dos Rios, da Cana, do Kaphet (esta a mais rica e adiantada de todas) e retrata, em traços panfletários, rápidos e grotescos, em tom nacionalista, xenófobo e ressentido, homens e costumes da 1ª República.

Quando fala a respeito do café, da borracha e do carvão (na quinta crônica da obra) como itens que geraram riqueza ao país da Bruzundanga, Lima Barreto demonstra aos leitores que aquilo se trata de uma caricatura do Brasil, já que estas eram, na República Velha ou República Oligárquica, as maiores fontes de riqueza brasileira, fontes estas que deram motivo para nomear esse período da história do país como “República do Café com Leite”. Barreto (2013, p. 53),

O café, que é a sua principal riqueza, dá quase sem cuidado algum e assim todas as plantas úteis nascem na nossa Bruzundanga com facilidade e rapidez, proporcionando ao estrangeiro a sensação de que ela é o verdadeiro paraíso terrestre. [...] A Bruzundanga tem carvão, mas não queima o seu nas fornalhas de suas locomotivas [...] “A borracha, continua ele, pode ser extraída de várias árvores que crescem na nossa opulenta nação.

Outro momento em que se pode perceber a forte presença da alegoria feita pelo autor é quando este, no oitavo capítulo do livro, descreve a respeito da constituição do país.

Nessa crônica, quando o viajante inicia sua fala para explicar como se deu a criação da nova constituição, o mesmo faz uma comparação entre a antiga constituição vigente (monárquica) e a nova constituição a ser elaborada (republicana), esta última devendo atender aos direitos de todos, seguindo, desse modo, o novo modelo de regime político instaurado no Brasil. “Os outros doutores também achavam a Constituição monárquica absolutamente tola, porque, desde que ela fora promulgada, havia surgido um certo jurista alemão ou aparecido um novo remédio para erisipelas. A nova devia ser uma perfeição e trazer a felicidade de todos.”, conforme afirma BARRETO (2013, p. 66).

O nome dado ao país fictício, “República dos Estados Unidos da Bruzundanga”, a forma como eram eleitos os governantes, o modelo de ensino que privilegiava os mais ricos, a discriminação sofrida por a população javanesa, o grande poder dado aos que possuíam maior riqueza, um governo que buscava governar para a nobreza, estes e muitos outros fatores deixam transparecer a intenção de Lima Barreto ao elaborar a alegoria de Brasil dentro da obra *Os Bruzundangas*.

4.3 República Velha: A Ironia de uma democracia em fracasso

De maneira geral a ironia consiste em sugerir o contrário do que se afirma. Ela pode ser concebida como uma figura de linguagem que é utilizada para transmitir alguma mensagem por meio de expressões que remetem, propositalmente, o oposto do que se quis dizer, “a ironia é um operante verbal sob controle múltiplo e, portanto, complexo, com a função de deixar o ouvinte produzir uma resposta, em geral contrária ao que foi dito e quase sempre com função de ridicularização”, afirma MESSA (2019, p.2).

Essa figura de linguagem dá-se por meio da contradição, já que ao buscar passar uma mensagem são utilizados recursos linguísticos, palavras e qualquer outro meio que seja considerado oposto ao que se deseja repassar, assim afirma Alvarce (2009, p. 30),

O contraste entre a aparência e a realidade é o traço básico de toda ironia [...] algo é aparentemente afirmado, mas, na verdade, se percebe uma mensagem completamente diferente. A tensão entre aparência e realidade pode expressar-se por meio de uma oposição, contradição, contrariedade, incongruência ou, ainda, através de uma incompatibilidade.

Na obra *Os Bruzundangas*, a figura de linguagem da ironia pode ser encontrada em todas as 21 crônicas que compõem o texto. Porém, ela se faz mais marcante especificamente na parte em que o viajante descreve como é feita a escolha do presidente da Bruzundanga, ou como é chamado por lá, o “Mandachuva”.

A descrição é feita na crônica de número nove, na qual o viajante explicita a eleição do mandachuva, como ocorre o mandato dele, quais pré-requisitos que este deve

possuir para assumir tal cargo, e como se dá a vida dos poderosos homens que ocupam esse cargo. “O que pretendo agora, nestas linhas, é fornecer aos leitores o tipo de um presidente da curiosa república, infelizmente tão mal conhecida entre nós —cousa de lastimar, pois ela nos podia fornecer modelos que nos levassem de vez a completo desastre.” Pontua BARRETO (2013, P. 71).

Nesse capítulo é evidente a forma com que Lima Barreto utiliza a ironia para realizar tal descrição, primeiramente na forma como são escolhidos os homens que vão governar o país, destacando que ao contrário do que se pensa, são os homens mais néscios e medíocres. Barreto (2012, p. 72),

Como dizia, porém, na Bruzundanga, em geral, o mandachuva é escolhido entre os advogados, mas não julguem que ele venha dos mais notáveis, dos mais ilustrados, não: ele surge e é indicado dentre os mais néscios e os mais medíocres. [...]é este homem cuja cultura artística se cifrou em dar corda no gramofone familiar; é este homem cuja única habilidade se resume em contar anedotas; é um homem destes, meus senhores, que depois de ser deputado provincial, geral, senador, presidente de província, vai ser o mandachuva da Bruzundanga.

Aqui, é possível notar a crítica que o autor faz a respeito dos governantes daquela época, caracterizando-os como pessoas com “estrutura mental primitiva”, sem conhecimento, medíocres e conseqüentemente inaptos para assumir um cargo de grande importância.

Outro capítulo em que pode ser notada a marcante presença da ironia é o capítulo oito, que trata da Constituição da Bruzundanga. A partir dele, o viajante conta, de forma irônica, como ocorreu a assembleia de elaboração da nova constituição do país: “Com este artigo a Lei Suprema da Bruzundanga tomou uma elasticidade extraordinária. Os presidentes de província, desde que estivessem de acordo com o presidente da república, — na Bruzundanga chama-se mandachuva — faziam o que queriam.” BARRETO (2013, p. 69).

Além disso, ainda nesta crônica, é reafirmada a ideia da incompetência dos homens que assumiam os cargos dos governos da República da Bruzundanga, incompetência esta que, de acordo com o narrador, era estabelecida/pautada pela

constituição, ironizando este que é o documento de maior soberania dentro de um país. Conforme Barreto (2013, p. 70),

A constituição da Bruzundanga era sábia no que tocava às condições para elegibilidade do mandachuva, isto é, o presidente. Estabelecia que devia unicamente saber ler e escrever; que nunca tivesse mostrado ou procurado mostrar que tinha alguma inteligência; que não tivesse vontade própria; que fosse, enfim, de uma mediocridade total. Nessa parte a constituição foi sempre obedecida. [...] Têm passado pela curul presidencial nada menos do que seis mandachucas, e não houve, talvez, um que infringisse tão sábias disposições

É possível perceber a crítica ao poder dos governantes que lá se encontravam além da falta de rigidez e seriedade das leis que faziam parte da constituição, já que estas vigoravam de acordo com a vontade dos mais poderosos, ficando assim o restante dos bruzundanguenses/brasileiros, isentos dos seus direitos que deveriam ser garantidos justamente por meio dessa constituição.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através das análises feitas a partir do livro *Os Bruzundangas*, pôde-se observar quais os principais aspectos presentes no texto que possibilitam ao leitor compreendê-lo como uma obra de forte caráter crítico, já que a mesma foi escrita com o objetivo de realizar uma descrição do Brasil durante o período em que o país passava por grandes mudanças devido à transição entre o regime político monárquico e o regime político republicano.

Dentre os aspectos que foram apresentados estão a política, as eleições, as riquezas, as Forças Armadas e a nobreza do país fictício da Bruzundanga. Nestes três primeiros, foram expostos a corrupção, a má administração dos recursos públicos e a desqualificação das pessoas que assumiam os cargos do governo do país.

Tratando-se do quarto aspecto, as Forças Armadas, foi mostrado o pouco poder militar do país, além de expor a discriminação racial existente naquele período. Por fim, no último aspecto, tratou-se principalmente da desigualdade social que afetava o país, a

nobreza era possuidora de riquezas exorbitantes e o restante da população vivia em situação de miséria.

Todos os aspectos abordados a respeito da sociedade bruzundanguense faziam parte das inúmeras mazelas que incumbiam à sociedade brasileira durante a época em que foi instaurada a República como novo regime político. Além desses, foram elencados também na pesquisa os recursos da sátira, da alegoria e da ironia como principais artifícios linguísticos utilizados por Lima Barreto na produção de *Os Bruzundangas*.

6 REFERÊNCIAS

ALAVARCE, Camila da Silva. **A ironia e suas refrações**: um estudo sobre a dissonância na paródia e no riso. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

BARBOSA, Jaíne de Sousa et. al. **Os Bruzundangas e a crítica social de Lima Barreto**: uma abordagem sobre a crônica no ensino médio. Campina Grande, UFCG: 2013.

BARONE, Jéssica Viana. **A paródia e a ironia nas obras de José Saramago**: crítica e dessacralização. Dourados, UFGD: 2020.

BARRETO, Lima. **Os Bruzundangas**. 2. ed. Rio de Janeiro: Martín Claret, 2013.

BOLLE, Willi. **Apresentação à coletânea de textos**: Walter Benjamin. Documentos de cultura. Documentos de Bárbarie (escritos escolhidos). Cultrix. São Paulo, 1986.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 43 ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

BOSI, Alfredo. **O ser e o tempo da poesia**. São Paulo: Cultrix, 1977. p. 141.

CANDIDO, Antônio. **Literatura e sociedade**: estudos de teoria e história literária. 8. ed. T.A. Queiroz Editor. São Paulo, 2000.

DAMIÃO, Carla Milani. **Anti-classicismo, mística judaica, símbolo e alegoria**. Belo Horizonte, UFMG: 2013.

DUARTE, Lélia Parreira. **Ironia e humor na literatura**; Caderno de pesquisa. Belo Horizonte, UFMG: 1994.

ESTEVEES, José Manoel Vasconcelos. **Ironia e argumentação**. Lisboa, Universidade Nova de Lisboa: 1997.

FLORÊNCIO, Roberto Remígio et al. **Da atualidade de Os Bruzundangas (e a escola moderna)**. Petrolina, IFPE: 2020.

FREIRE, José Alonso Tôres. **Um diálogo explosivo: Sátira, Paródia e História**. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/itinerarios/article/view/2790/2528>
Acesso em: 16 de setembro de 2022.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas da pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MACHADO, Ida Lúcia. **A ironia como estratégia comunicativa e argumentativa**. Belo Horizonte, UFMG: 2014.

MESSA, Luciana Chequer Saraiva et al. **Estudos empíricos da ironia: revisão sistemática e implicações para uma análise funcional**. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/799/79963266015/html/>. Acesso em: 13 de setembro de 2022.

MONTENEGRO, Olívio. **O romance brasileiro**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1953.

MOURA, Samara Loureiro. **Lima Barreto – um mulato intelectual na Bruzundanga: Um estudo do projeto da literatura militante de Lima Barreto**. Porto Alegre, UFRS: 2010.

OWENS, Craig. **O impulso alegórico: sobre uma teoria do pós-modernismo**. Rio de Janeiro, UFRJ: 2004.

PEREIRA, S. P; SHITSUKA, D. M; PARREIRA, F. J; SHITSUKA, R. **Metodologia da pesquisa científica**. Santa Maria, UFSM: 2018.

POLLARD, Arthur. **Satire**. London: Methuen, 1975.

REIS, Carlos. **O conhecimento da literatura**. Coimbra, Almedina, 1999.

RIBEIRO, Antônio Sousa. **Da escrita antropofágica – teorias e práticas da sátira moderna**. Coimbra, Universidade de Coimbra: 2018.

ROCHA, Rejane Cristina. **Da utopia ao ceticismo: a saída na literatura brasileira contemporânea**. Araraquara, UNESP: 2006.

ROMÃO, Ana Paula de Freitas. **Os Bruzundangas: uma alegoria da 1ª República.**
São José do Rio Preto: Unesp, 2012.



**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA
“JOSÉ ALBANO DE MACEDO”**

Identificação do Tipo de Documento

- () Tese
 () Dissertação
 () Monografia
 (x) Artigo

Eu, Maria Clara Rodrigues Silva,
 autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de
 02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar,
 gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação
Algoria, Sátira e Ironia: Os artifícios utilizados por Lima
 Barreto na composição da obra Os Baquandamas
 de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título
 de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI 24 de outubro de 2022.

Maria Clara Rodrigues Silva
 Assinatura